

TORQUATO NETO

A Volta do poeta terminal

■ Ângela José

O poeta da **Geléia Geral** está de volta. Letrista, jornalista, ator e cineasta Torquato Neto desenvolvia várias atividades intelectuais e tinha uma extrema sensibilidade pelo novo, sempre atento à produção dos outros, fosse em música, teatro, cinema ou artes plásticas, e era capaz de perceber a superação de uma estética artística, como foi o caso do Cinema Novo. Quase treze anos após a sua morte, aos 28 anos, em 10 de novembro de 1972, as músicas de Torquato estão pela primeira vez reunidas em um só disco, produzido pelo Centro de Cultura Alternativa no Rio Arte, com o apoio do governo do Piauí.

O disco "Torquato Neto", reunindo 12 músicas das mais expressivas do poeta, com uma tiragem de dois mil exemplares, distribuídos a pesquisadores, intelectuais e músicos, em um mês teve sua edição esgotada. O LP — com um encarte sobre a vida de Torquato e uma análise crítica do seu trabalho musical feita por Tárk de Souza, mais depoimento de Gilberto Gil — não músicas inéditas, e sim uma reprodução de gravações, originais, entre elas: Pra Dizer Adeus, Louvação, Ai de Mim Copacabana, Let's Play That, Três da Madrugada, interpretadas ora por antigos parceiros como Gilberto Gil, Jards Macalé e Caetano Veloso, ora nas vozes de Elis Regina, Jair Rodrigues, Gal Costa e Nara Leão.

Um dos principais letristas da música popular brasileira dos anos 60, participante do Tropicalismo, mentor intelectual de Caetano, Gil e Edu Lobo, Torquato Pereira de Araújo Neto, piauiense de Teresina, foi um dos poetas mais importantes da geração surgida durante o período da ditadura militar. Irritativo, dinâmico, enigmático, sua produção foi um reflexo de uma época difícil e tumultuada, que sob os auspícios do AI-5, promoveu o exílio de uma boa parte da cultura brasileira.

Nos anos 70, época dos desbundes, gerais, movimentos hippies, **underground**, contracultura, Torquato tornou-se figura mítica da geração que surgia. Vanguardista dos mais radicais, angustiado, deprimido por problemas de alcoolismo, uma passagem pelo hospício do Engenho de Dentro, e um progressivo isolamento existencial, levou-o a entrar no banheiro, vedar as saídas de ar e abrir o gás.

Eram os tempos negros do governo Médici. Torquato comemorou seu 28º aniversário com amigos e chegou em casa às quatro e meia da manhã do dia 10 de novembro de 1972, conversou com a mulher Ana Maria até que dormisse e encerrou sua curta trajetória pessoal com um bilhete lacônico: "Pra mim chega, vocês aí: peço o favor de não sacudirem demais o Thiago que ele pode acordar". Preocupava-se com o filho de dois anos, hoje com 15, que também se interessa por música e toca guitarra.

Eu sou como sou/ pronome/ pessoal intransferível... (Cogito).

Torquato deixou cerca de 30 letras de músicas, escritos em forma de poemas, roteiros ou manifestos como **Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo**, alguns filmes em superoito e uma breve militância no jornalismo iniciada em 1963, passando pela redação dos jornais Correio da Manhã, O Sol, e na Última Hora onde mantinha uma coluna, "Geléia Geral", combatendo o Cinema Novo e a música comercial. Participou da imprensa alternativa e ajudou a fundar publicações como **Presença** e o número único e célebre de **Navilouca**, editada meses após sua morte.

Segundo a design gráfica Ana Maria Silva de Araújo Duarte, ex-mulher de Torquato — organizadora ao lado do poeta Waly Salomão da segunda edição de "Os Últimos Dias de Paupérrima" (ed. Max Limonad 1982), livro que reúne não só poesias, mas artigos e vários escritos de Torquato — ele sempre abria espaços na sua coluna para os trabalhos novos.

"Mesmo nos piores momentos, comenta Ana, ele estava atento à produção dos outros, e sempre dava a maior força, fosse em cinema, publicações, teatro. Ele não tinha constrangimento em conhecer pessoas novas, nossa casa, sempre estava cheia de jovens. Torquato era uma pessoa muito calma, tranqüila, tinha uma formação intelectual sólida, e sempre fazia o que queria. Sua produção é reconhecida até hoje porque ele dava valor aos trabalhos novos, desconhecidos."

Ana, que também é autora de um curta, sobre Torquato, declara que, 'infelizmente, meses antes de morrer, ele jogara parte de sua produção fora e pouco que ela conseguiu recuperar, considera impubescível.

"Esta produção, esclarece Ana Mana, não foi feita para ser publicada, está inacabada, não foi revista por Torquato. E se fosse editada, o critério de escolha seria do meu ponto de vista e não do dele."

Para Luciano Figueiredo que, ao lado de Torquato, Oscar Ramos, Waly Salomão, Hélio Oiticica, organizou a revista **Navilouca**, Torquato cresce cada dia mais e mais. A revista virou objeto de estudo e inspirou outras publicações no mesmo estilo.

"Torquato era um tipo novo de poeta, afirma Luciano, inteiro, extraordinário, e que tinha uma consciência social no sentido completo. Sua consciência fazia com que ele atuasse em várias expressões, fosse instigador, e radical de 8 a 80".

Em sua colônia, tanto ele poderia reconhecer as potencialidades da voz de Angela Maria, como o cinema marginal de Rogério Sganzerla, do Ivan Cardoso e arte de Hélio Oiticica. Para Luciano Figueiredo, tantos anos se passaram e hoje se vê que a visão crítica de Torquato estava certa sobre os conflitos da arte social”.

“A polêmica que ele desencadeou, continua Luciano, sobre o Cinema Novo que foi tão rechaçada, estava certa. Ele dizia que a estética do Cinema Novo estava acabada, que não daria mais frutos. Hoje esta produção continua emperrada, não resolveu seus problemas estéticos. Nós temos sempre filmes muitos ruins, de produção cara e em relação invenção ainda continua pobre em expressão.”

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia...

A renovação da música brasileira nos anos 60 teve a forte influência dos baianos Caetano, Gil, dos letristas Torquato Neto e José Carlos Capinam. Era a época dos festivais, dos Centros Populares de Cultura — CPC — espalhados pelas faculdades brasileiras, tentando aproximar os universitários dos temas populares.

Segundo Tárík de Souza, no encarte do disco mencionado, a obra musical de Torquato “pode ser dividida em fases e focos de interesses nítidos”. Se de um lado temos um poeta tenro e tenro, com reminiscências de sua província e região, desfolhado nas músicas **Minha Senhora**,

“Torquato era um novo
tipo de poeta:
inteiro, extraordinário
e tinha uma consciência
social completa ”

Zabelê, e **A Rua**, todas em parceria com Gilberto Gil, noutras temos “o poeta engaiado, de impermeáveis certezas”, como em **Veleiro**. com Edu Lobo, **Rancho da Rosa Encarnada** com Geraldo Vandré e Gilberto Gil, e **Louvação**, também com Gilberto Gil, sucesso da dupla Elis Regina e Jair Rodrigues.

Com textos rjcos em paródias e citações, Torquato buscava inspirações em temas folclóricos, marchinhas carnavalescas, hinos religiosos, artigos de Décio Pignatari, poemas de Drumond e Sousândrade, crônicas de Rubem Braga. “No íntimo, ao longo de toda obra, Torquato transparece tristeza e pessimismo em sua caligrafia afetiva”, conclui Tárík.

Em entrevista especial a Tárík de Souza para a edição do disco, seu principal parceiro, Gilberto Gil, diz que Torquato “foi uma das pessoas mais influentes no sentido do levantamento ideológico da postura tropicalista”. Os dois se conheceram em Salvador através de Caetano Veloso e Capinam, mas as primeiras parcerias sóviriam a acontecer no Rio de Janeiro, para onde ambos emigraram.

Ainda segundo Gil, apesar de não tocar qualquer instrumento, Torquato era muito musical e o poema já vinha completo como em “Geléia Geral” (“um poeta desfolha a bandeira/ e a manhã tropical se inicia/ resplandecente cadente fagueira/ num calor girassol com alegria...): “Torquato era quem trazia muito aquela angústia do mundo moderno, do problema da família... O choque da metrópole... A paixão pela novidade...”

Torquato foi um dos fundadores do movimento Tropicalista iniciado na imprensa, com artigos de Nelson Motta e Luiz Carlos Maciel, que provocou transformações estéticas na música, no cinema, teatro e artes plásticas. Uma das fontes inspiradoras do movimento, o artista plástico Hélio Oiticica (outro mito desta geração) reuniu num memorável LP em 68, **Tropicália**; Caetano, Gil, Gal, Tom Zé, Nara Leão, Os Mutantes, o maestro Rogério Duprat e os letristas Torquato e Capinam.

As marcas do tropicalismo que admitia guitarras, equipamentos eletrônicos, com abertura tanto para o mau gosto para vanguarda musical e poética, multiplicou- se até nossos dias. E a permanência de Torquato como um dos inovadores musicais é constatada na recuperação de seus poemas por novos músicos como Paulo Diniz que musicou “Um Dia Desses Eu me Caso Com Você, no **LP Cancão do Exílio** (Lança, 1984) e o grupo de rock titãs que fez o mesmo com **Go Back** (WEA, 1984).

NOSFERATU NO BRASIL

Depois do exílio em Paris. Nova Iorque, Londres, onde conheceria Jimi Hendrix e os Beatles, Torquato retorna ao Brasil, se afasta dos antigos parceiros musicais. se dedica mais à poesia e ao cinema. Participa e organiza **happening**. sunar 8 como **Orgramurbana** com Luís Otávio Pimentel, **Terror da Vermelha**, atua em **Helô e Dirce** de Luís Otávio e consagra sua figura enigmática em **Nosferatu**, de Ivan Cardoso.

Nosferatu é um clássico do Super 8 brasileiro em longa-metragem.

Segundo o seu autor, o cineasta Ivan Cardoso, somente Torquato poderia encarnar o vampiro brasileiro, uma antítese do vampiro europeu; “piauiense, alto e magro, de cabelos compridos, que toma água de coco na beira da praia”.

Ivan coloca que tudo foi uma coincidência muito grande porque procurava um ator para o seu filme e tinha conhecido Torquato na casa de Hélio Oiticica, antes deste embarcar para Londres. “É incrível, comenta, que passado todos estes anos, e como fala Haroldo de Campos, só Nostorquato poderia encarnar o Nosferatu no Brasil, o papel é ele de ponta a ponta...”

Nosferatu é um vampiro interpretado por um poeta maldito, imagem que o próprio Torquato assumiu. O filme sem ele não seria a mesma coisa”.